

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Com o maior empenho, pois é do nosso dever e interesse zelarmos o serviço de remessa da *Estação* para as nossas amáveis assignantes; apesar, porém, de todos os esforços e providencias, são numerosas as folhas que deixam de chegar ao seu destino.

Das nossas indagações resulta que, se por muitos desses extravios devemos culpar o serviço postal, por outros são culpados os proprios nossos assignantes pela difficiencia com que não poucas vezes nos dão as indicações para endereço das folhas.

Assim é que é frequente recebermos por carta pedidos de assignatura sem que se nos declare a direcção a dar aos numeros successivamente publicados. Se a carta vem por exemplo datada de Cachoeira, como podemos advinhar para qual dos lugares de igual nome que no Brazil existem deveremos encaminhar as folhas? Entretanto se não chegam ao destinatario, passados poucos dias, recebemos reclamações, muitas vezes redigidas em termos asperos, que nos culpam por mal que não fizemos e para cura do qual nem se quer nos dão remedio.

O caso citado não é excepção, dá-se em um paiz onde são numerosos os nomes que se applicam a muitos lugares e onde existem pequenos sitios em grande numero cujos nomes são desconhecidos mesmo na Directoria Geral dos Correios.

Permittam-nos pois as nossas leitoras amáveis que lhes dirijamos o pedido de dar-nos sempre com toda minucia as indicações precisas em relação ás suas residencias quando nos honrarem com os seus pedidos de assignatura, reforma, reclamações ou mudanças. Permittam-nos mais ousar esperar da sua bondosa propaganda que ao recommendarem ás suas amigas a *Estação*, lhe transmittam o mesmo pedido.

Só assim conseguiremos um serviço de remessa perfeito, que não depende sómente de nós, mas muito principalmente de uma repartição publica, muito respeitavel não ha duvida, mas pela qual não podemos ser responsabilizados pois que não nos é dado fiscalisar-a.

O caso Barreto

(Conclusão)

— Tenho de acabar a cópia, pensou Barreto repentinamente.

E achou que o melhor modo de crescer era trabalhar. Pegou no relógio que ficára sobre a mesa, ao pé da cabeceira da cama: estava parado. Mas não andava quando accordou? Poz-lhe o ouvido, agitou o, estava parado de vez. Deu-lhe corda, elle andou um pouco, mas parou logo.

— E' uma espiga do tal relojoeiro das duzias, murmurou o Barreto.

Sentou-se na cama um tanto reclinado, e cruzou as mãos sobre o estomago. Notou que não tinha fome, mas também comêra bem no baile. Ah! os bailes que elle havia de dar, com ceia, mas que ceias! Aqui lembrou-se que ia pôr agua na bocca aos companheiros da Secretaria, contando-lhes a festa e as suas fortunas; mas não as contaria com ar de pessoa que nunca viu luxo. Fallaria naturalmente, aos pedaços, quasi sem interesse. E compoz alguns trechos de noticias, ensaiou de memoria as attitudes os movimentos. Talvez algum o achasse com olheiras «— Foi pandega, não?» — «Não, responderia elle, fui ao baile» — Ah! você foi sempre ao baile? Que tal esteve?» — «O baile? diria com fastio; esteve magnifico». E continuou assim o provavel dialogo, compondo, emendando, riscando palavras, mas de maneira que acabasse contando tudo sem parecer que dizia nada. Diria o nome de Ermelinda ou não? Este problema gastou-lhe mais de dez minutos: concluiu que, se lh'o perguntassem,

não havia mal em dizel-o, mas não lh'o perguntando, que interesse havia nisso? Evidentemente nenhum.

Ficou ainda outros dez minutos, pensando á tóa, até que deu um salto e pôz as pernas fóra da cama.

— Meu Deus! Ha de ser tarde.

Calçou as chinellas e tratou de ir ás abluções; mas logo aos primeiros passos, sentiu que as dansas o tinham fatigado deveras. A primeira ideia foi descançar; tinha para isso uma excellente poltrona, ao pé do lavatorio; achou, porém, que o descanço podia levar longe, e não queria chegar tarde á Secretaria. Iria até mais cedo; ás dez e meia, no maximo, estaria lá. Banhou se, ensabou-se, deu-se todo aos cuidados pessoases, gastando o tempo do costume, e mirando-se ao espelho, vinte e trinta vezes. Também era costume. Gostava de ver-se bem, não só para rectificar uma cousa ou outra, mas para contemplar a propria figura. Afinal começou a vestir-se, e não foi pequeno trabalho, porque era meticuloso em escolher meias. Mal tirava uma como preferia outras; e já estas lhe não serviam, ia a outras, tornava ás primeiras, comparava-as, deixava-as, trocava-as; afinal, escolheu um par côr de canella, e calçou-as; continuou a vestir-se. Tirou camisa, mettu-lhe os botões e enfiou-a; fechou bem o collarinho e o peito, e só então foi á escolha das gravatas, tarefa mais demorada que a das meias. Costumava fazel-o antes, mas desta vez estivera pensando no discurso que dispararia ao director, quando este lhe dissesse:

— Ora, viva! Muito bem! Hoje madrugou! Vamos á cópia.

A resposta seria esta:

— Agradeço os cumprimentos; mas pôde o Sr. director estar certo que eu, compromettendo-me a uma cousa, faço-a, ainda que o céu venha abaixo.

Naturalmente, não gostou do final, porque torceu o nariz, e emendou:

— ... compromettendo-me a uma cousa, hei de cumpril-a fielmente.

Isto é que o distrahiu, a ponto de vestir a camisa sem ter escolhido a gravata. Foi ás gravatas, e escolheu uma, depois de pegar, deixar, tornar a pegar e a deixar umas dez ou onze. Adoptou uma de seda, côr das meias, e deu o laço. Reviu-se então longamente no espelho, e foi ás botas, que eram de verniz e novas. Já lhes tinha passado um panno; era só calçar-as. Antes de as calçar, viu no chão, atirada por baixo da porta, a *Gazeta de Noticias*, Era uso do criado da casa. Levantou a *Gazeta* e ia pol-a na mesa, ao pé do chapéo, para lel-a ao almoço, como de costume, quando deu com uma noticia do baile. Ficou pasmado! Mas como é que podia a folha de manhã noticiar um baile que acabou tão tarde? A noticia era curta, e podia ter sido escripta antes de terminar a festa, á uma hora da noite. Viu que era entusiastica, e reconheceu que o autor havia estado presente. Gostou dos adjectivos, do respeito ao dono da casa, e advertiu que entre as pessoas citadas figurava o pae de Ermelinda. Insensivelmente sentára-se na poltrona, e indo dobrar a folha, deu com estas palavras em letras grandes: *Horriavel! Sete mortes!* A narração era longa, interlinhada; começou a vêr o que seria, e, em verdade, achou que era gravissimo. Um homem da rua das Flôres matara a mulher, tres filhos, um padeiro e dous policiaes, e ferira a mais tres pesscas. Correndo pela rua fóra, ameaçava a toda a gente, e toda a gente fugia, até que dous mais animosos puzeram-se-lhe em frente, um com um páo, que lhe quebrou a cabeça. Escorrendo sangue, o assassino ainda corria na direcção da rua

do Conde; ahi foi preso por uma patrulha, depois de luta renhida. A descripção da noticia era viva, bem feita; Barreto leu-a duas vezes; depois leu a parte relativa á autopsia, um pouco por alto; mas demorou-se no depoimento das testemunhas. Todas eram accordes em que o assassino nunca déra motivo de queixa a ninguem. Tinha 38 annos, era natural de Mangaratiba, e empregado no arsenal de Marinha. Parece que houve uma discussão com a mulher, e duas testemunhas disseram ter ouvido ao assassino: *Esse tratante não ha de voltar aqui!* Outras não acreditavam que as mortes tivessem tal origem, porque a mulher do assassino era boa pessoa, muito trabalhadeira e séria; inclinaram-se a um accesso de loucura. Concluiu a noticia dizendo que o assassino estivera agitado e fóra de si; á ultima hora ficava prostrado, chorando, e chorando pela mulher e pelos filhos.

— Que cousa horriavel! exclamou Barreto. Quem se livra de uma destas?

Com a folha nos joelhos, fitou os olhos no chão, reconstruindo a scena pelas simples indicações do noticiario. Depois, tornou á folha, leu outras cousas, o artigo de fundo, os telegrammas, um artigo humoristico, cinco ou seis prisões, os espectaculos da ante-vespera, até que se levantou de repente, lembrando-se que estava perdendo tempo. Acabou de vestir-se, escovou o chapéo com toda a paciencia e cuidado, pol-o na cabeça diante do espelho, e sahiu. No fim do corredor, separou que levava a *Gazeta*, para lel-a ao almoço, mas já estava lida. Voltou, deitou a folha por baixo da porta do quarto e sahiu á rua.

Dirigiu-se para o hotel em que costumava almoçar, e não era longe. Ia apressado para desferrar o tempo perdido; mas não tardou que a natureza vencesse, e o passo tornou ao de todos os dias. Talvez a causa fosse a bella Ermelinda, porque, havendo pensado ainda uma vez no noivo, a moça veio logo, e a idéa do casamento mettu-se-lhe no cerebro. Não teve outra até chegar ao hotel.

— Almoço, almoço, depressa, disse elle sentando se á mesa.

— Que ha de ser?

— Faça-me depressa um *filet* e uns ovos.

— O costume.

— Não, não quero batatas hoje. Traga *petit-pois*... Ou batatas mesmo, venham batatas, mas batatas miudinhas. Onde está o *Jornal do Comercio*?

O criado trouxe-lhe o *Jornal*, que elle começou a lêr, enquanto lhe f ziam o almoço. Correu á noticia do assassinato. Quando lhe trouxeram o *filet*, perguntou que horas eram.

— Faltam dez minutos para o meio-dia, respondeu o criado.

— Não me diga isso! exclamou o Barreto espantado.

Quiz comer ás carreiras, ainda contra o costume; despachou effectivamente o almoço o mais depressa que pôde, reconhecendo sempre que era tarde. Não importa; promettera acabar a cópia, iria acabal-a. Podia inventar uma desculpa, um accidente, qual seria? Doença era natural de mais, natural e gasto; estava farto de dôres de cabeça, febres, embaraços gastricos. Insomnia também não queria. Um parente enfermo, noite velada? Lembrou-se que já uma vez explicara uma ausencia por esse modo.

Era meia hora depois do meio-dia, quando bebeu o ultimo gole de chá. Ergueu-se e sahiu. Na rua parou. A que horas chegaria? Tarde para acabar a cópia, para que ir á secretaria tão tarde? O diabo

fôra o tal assassinato, tres columnas de leitura Maldito bruto! Matar a mulher e os filhos. Aquillo foi bebedeira, de certo. Assim reflexionando, ia o Barreto caminhando para a rua dos Ourives, sem plano, levado pelas pernas, e entrou na charutaria do Braz. Já lá achou dous amigos.

— Então, que ha de novo? perguntou elle, sentando-se. Tem passado muito rabo de saia?

MACHADO DE ASSIS.

CHRONIQUETA

Rio, 6 de Abril de 1892.

Bom tempo?—O sacrilegio do Jury —Carnaval novo.— O imposto sobre o tabaco.— Princesas que fumam.— Contos infantis.— Os mortos da quinzena.

Veio o bom tempo... Quando digo o bom tempo, refiro-me a essa temperatura humida, que desperta nos pulmões adormecidas bronchites. Emfim, Deus faz tudo pelo melhor... E' preferivel andar com o pobre nariz transformado em alambique, a ter de supportar o supplicio da transpiração e da brotoeja.

O caso mais retumbante da quinzena foi o sacrilegio do Jury. Mas passemos em generoso silencio sobre esse infame attentado, que tanto depõe contra a nossa civilização.

A imagem ultrajada já foi restituída ao seu lugar, depois de convenientemente reparada, e já uma procição desagravou o filho de Deus.

Uma procição escandalosa, por signal, com rolo e pancadaria, e obrigada á rua do Ouvidor. Parece que o Illmo. Cabido pretendeu de alguma fôrma supprir a falta dos prestitos carnavalescos. O Christo era recebido com salvas de palmas, tal qual um carro de idéa, e o Sr. Bispo interino agradeceu publicamente esses applausos. Outros tempos, outros costumes.

O outro grande assumpto é o imposto sobre o tabaco.

E' rasoavel que se carreguem os vicios com as mais pesadas contribuições, e esta é, aliás, a opinião de um vicioso incorregivel, porque, minhas senhoras, eu fumo como um turco, e sinto que privar-me do charuto, do cigarro e até — perdoem-me! — do caximbo, seria um sacrificio impossivel!

Mas o sello adhesivo, que ha dias se começou a usar, tem o imperdoavel defeito de se prestar á fraude. A mesma estampilha pôde servir muitas vezes, bastando para isso que o charuteiro esteja mancomunado com o fumante. O Thesouro vai ser lesado em cincoenta por cento, pelo menos, e, se duvidam, comparem, no fim do exercicio, a renda do imposto e o consummo.

Não creio, porém, que semelhante assumpto possa interessar ás leitoras, nem eu o traria para estas columnas se não tivesse lido n'uma das nossas folhas interessante noticia sobre as princezas que fumam.

Segundo essa folha, a imperatriz da Austria fuma quarenta cigarros por dia, e a condessa de Pariz, mãe da rainha de Portugal, discute politica entre as fumaças de saborosos havanas. A propria rainha de Portugal manda vir cigarros expressamente de Dresde. As rainhas de Italia, de Hespanha e da Rumania tambem fumam, e a celebre ex-rainha Nathalia, formosa esposa de Milan, da Servia, fuma de tudo, como eu.

Portanto, não duvido que algumas das minhas lindas leitoras apreciem tambem um Barbacena ou mesmo um Caporal Mineiro.

Uma noticia que tem muito lugar, essa, sim, nesta chroniqueta, é a do apparecimento dos *Contos infantis*, de Adelina Vieira e Julia Lopes, duas irmãs distinctissimas, que mais de uma vez têm abrilhantado as columnas desta revista com optimos productos do seu talento.

Trata-se de um livro escripto para crianças, que a gente adulta lerá com muito prazer. E' bem imaginado e bem escripto, com muito cuidado e muita sin-

ceridade. Bem animado andou o conselho de instrucção publica, adoptando-o para uso das escolas primarias.

Tem muitos mortos a quinzena — o distincto cirurgião Barão de Canindé, — o velho negociante Rodocanachi, — Henri Nicoud, o activo livreiro da rua do Ouvidor, — o Dr. Paula Tavares, director do hospital de S. Sebastião, uma victima do dever, — e outras.

Oh! a morte não pára na sua faina devastadora e terrivel!

ELOY, O HERÓE.

Affonso Daudet

Eu sempre tive uma sympathia muito especial por este romancista, cujo nome encima estas linhas e que actualmente occupa um dos primeiros postos, já não digo na litteratura franceza, mas na litteratura universal.

Lembro-me bem de que foi o *Jack* o seu primeiro romance que eu tive a ventura de lêr, e foi tão profunda a impressão que me deixou o livro que ainda hoje, quando o vejo na minha modesta estante, não resisto á tentação de relêr algumas paginas.

Desta data em diante comecei a comprar tudo quanto traz o nome do eminente escriptor; e, se não é igual o meu entusiasmo para com todas as suas obras, ainda não tive occasião de arrepende-me do dinheiro gasto.

Daudet possui para mim todos os requisitos indispensaveis a um artista da sua estatura moral e intellectual.

Consegue ser profundamente verdadeiro, sem deixar de envolver o que escreve n'esses tons vagos de delicadeza e, direi mesmo, de poesia que impressionam, fazem pensar, sem deixar-nos n'alma o amargor proprio de um realismo brutal e feroz que nada respeita, e que tudo esmaga.

Zola é talvez mais profundo; possui mesmo em mais alto gráo o talento descriptivo, é mais synthetico; porque com certeza ainda não se escreveu no seculo XIX um livro de maior alcance do que o *Germinal*; Daudet, porém, attrahe mais o leitor.

Não gostei da *Sapho*, porque é um livro menos de accôrdo com o temperamento do poeta; mas li e reli o *Fromont Jeune*, que é um verdadeiro poema da ingratição, se assim se pôde chamar aquelle desenlace em que um irmão extremoso tanto quanto possivel, mata-se, quando sabe, quando descobre que a mulher a quem tirara do nada fôra-lhe infiel com o seu proprio irmão, a quem elle creara e educara, com o carinho de pae, a quem fizera engenheiro, a quem dera uma collocação brilhante na sociedade.

Entretanto o autor, apesar de ser um realista de fina tempera, sempre deixa nos seus livros um cantinho de céu, uma nesga de azul, onde o espirito do leitor descança e refaz-se um pouco, depois de longas e brilhantes paginas de uma observação e de um colorido que nunca empallidecem.

Zola não tem destas commiserações para quem o lê: as suas paginas são todas ellas verdadeiros libellos impiedosos; vai por deante, como um analysta frio, pouco se importando que os seus periodos deixem-nos a alma dolorida, maguada pelo pessimismo de todos elles.

Zola é muito mais analysta; Daudet é muito mais humano.

Não comparamos os dous grandes vultos, porque os artistas não se comparam; apenas dizemos por que attrahem-nos mais os romances de Daudet, que os do grande pontifice da escola realista.

Os finais dos romances de Zola são todos elles sinistros, pavorosos, apocalypticos.

Querem cousa alguma peor do que a hecatombe do *Germinal*? O *delirium tremens* de Copeau, no *Assomoir*? Aquella disparada vertiginosa da locomotiva devorando o espaço, no desfecho da *Bête Humaine*?

Daudet não tem destes lances dantescos de imaginação; mas nem por isso, ao fecharmos a ultima pagina de qualquer de suas obras, sentimo-nos menos impressionados.

E' vasta a galeria dos escriptores realistas francezes: Zola, Goncourt, Pailleron, Sardou, Dumas,

Paul Bourget, Baudelaire, Richepin e tantos outros, sem contar Gustavo Flaubert que foi quem delineou os verdadeiros moldes da escola e cujo cachimbo, Daudet, seu discipulo conserva como uma reliquia sagrada, e Balzac, a quem Taine dá o segundo lugar, depois de Shakspeare: é vasta esta galeria; mas nella occupa lugar de honra o sympathico e brilhante autor de *Tartarin sur les Alpes*.

E' moço ainda, mas o seu trabalho já é immenso e o seu nome é conhecido em qualquer parte em que haja um pouco de gosto pela litteratura.

E' o retrato deste grande romancista que offerecemos hoje ás nossas leitoras.

Todos os seus biographos e todos os seus criticos são unanimes em afirmar que elle possui uma bellissima cabeça de meridional e que o seu olhar é de uma suavidade e meiguice que fazem inveja ao mais amestrado D. Juan.

Ainda não li a sua ultima obra *Rose et Ninette*; mas com certeza diremos a respeito alguma coisa no nosso proximo numero.

OLIVEIRA E SILVA.

Estrellas de pó...

A poeira zune em rajadas,
Remoinhos e borborões;
Faisca o sol nas calçadas,
Em crúas verberações.

O azul tem reflexos de aço;
Fuma a cal dos muros nus;
Saltam chispas ao mormaço,
E ha trombas de poeira e luz...

A poeira, que o sol accende
E o tufão vem levantar,
Em torvellins de ouro esplende
E em fulvas columnas no ar...

Mas chove; e a poeira, cahida
No chão, toda é lama só...
Tudo é assim nesta vida,
Fátuas estrellas de pó.

RAYMUNDO CORRÊA.

THEATROS

Rio, 6 de Abril de 1892.

Estreiou-se no Lucinda uma companhia dramatica muito aceitavel, composta de alguns artistas apreciados, como sejam Medeiros, Maia, Balbina, Bernardo Lisboa, Frederico de Souza, Portugal, etc.

Essa companhia não tem, que nos conste, a pretensão de regenerar a arte dramatica; entretanto, offerece aos espectadores o ensejo de descançarem um pouco de magicas e de operetas, dando-lhes succulentos dramalhões francezes. O primeiro foi os *Milhões da padeira* o segundo será *Surcouf, o corsario*, peça de que foi extrahida a famosa opera-comica da Phoenix, e o terceiro será o *Despenhadeiro do diabo*.

Por esses titulos se vê que a empresa do Lucinda é uma tentativa pouco litteraria; comtudo, ha nos velhos e ingenuos melodramas francezes bastante terreno onde os actores podem mostrar o seu talento; e os artistas do Lucinda, justiça se lhes faça, deram boa conta do recado com os *Milhões da padeira*. Milhões não creio que arrecadem; mas poderão, pelo menos, ensaiar folgadoamente e por em scena outra peça.

Deu-nos o Sant'Anna os *Salteadores*, de Meilhac, Halévy e Offenbach, traduzida pelo nosso collega Arthur Azevedo.

Esta mesma traducção já aqui tinha sido representada ha alguns annos, no theatro que hoje se intitula Variedades, e era então Principe Imperial. Por essa occasião a peça, que é, indubitavelmente, uma das melhores d'aquella gloriosa trindade, foi muito sacrificada. Pois d'esta vez não o foi menos, ou — por outra — o foi ainda mais... Pobres *Salteadores*!

Entretanto, como a opereta é muito forte, resiste, ainda assim, a um máo desempenho e a uma pessima encenação. O actor Mattos é um bom Pietro.

Nos outros theatros não ha nada de novo, porque não quero metter em linha de conta uns saltimbancos do Polytheama e do Folies Bergères...

O Recreio Dramatico, depois que exhibio o *Drama do povo*, tem andado a fazer fugitivas *reprises* do seu velho e opulento repertorio.

No Variedades voltaram á scena os maravilhosos *Amores de Psyché*.

No Apollo a *Pera de Satanaç* continúa a attrahir todo o Rio de Janeiro.

Em ensaios:

Lucinda. — *Surcouf, o corsario*, drama.
Recreio. — *O commissario de policia*, comedia.
Variedades. — *A Filha de Fanchon*, opereta.
Sant'Anna. — *O Demonio do ouro*, magica.
Apollo. — *O Tribofe*, revista do anno passado.

X. Y. Z.

Monsieur Bache

Medroso, tímido e misanthropo, tal era Mr. Bache. Era mesmo esta a opinião que formava de sua pessoa, nos seus raros momentos de expansão.

Vegetava, voluptuosamente, em sua existencia de burguez pacífico, na sua casinha propria, em Asnières, á beira d'agua.

Detestava Paris e só ia á grande capital, quando a isso o obrigavam os seus negocios; durante vinte annos só lá foi uma vez, porque tinha horror ao mundo, e isso mesmo por causa de um chá de noivado, em casa dos Bonorand, gente muito séria e de quem elle era um tanto alliado pelo lado das mulheres.

Desde esta noite memoravel, em sua existencia, muitos annos haviam decorrido e entretanto só a lembrança bastava-lhe para dar-lhe arrepios.

Á principio não o reconheceram, tão separado do mundo vivia elle e, ao entrar no salão, cheio de gente, com a sobrecasaca muito comprida e as calças muito curtas, fôra obrigado a repetir seu nome di-

versas vezes e em voz muito alta, porque a Mme. Bonorand, mãe, era surda e não se lembrava bem deste alliado de sua familia: « Bache... Mr. Bache... sou eu, senhora, Hyppolyto Bache, parente de seu defunto pelos Chagrinel. »

Mme. Bonorand, por fim, decidiu-se a ouvir e muito delicadamente desculpou-se, conforme pôde. « Viamno tão poucas vezes... fazia mal com isso, não ficava bem a um primo tão proximo esquecer-se tanto dos seus. » E com um gesto amavel offereceu-lhe uma chicara de chá.

Oh! — este detalhe! — Toda branca, com filetes d'ouro, elle parecia ver ainda a chicara. Com a mão febril que a emoção tornava tremula ia recebê-la, muito delicadamente quando — nunca pôde explicar como aquillo se deu — entornou o conteúdo sobre o vestido da dona da casa, um magnifico vestido de seda côr de ameixa, de reflexos cambiantes.

Então, perdendo a cabeça, gritou por socorro e fulminado pelo olhar de sua parenta, acotovelado por toda a gente que se dava pressa em enxugar o vestido, fugiu como um louco, enganando-se com o chapéu e maldizendo sua sorte.

Este incidente, aparentemente futil, exerceu singular influencia em toda sua vida.

Envelhecendo, sua natural timidez tornou-se amarga e, com a ajuda do figado — porque elle era bilioso — seu espirito foi-se pouco a pouco cobrindo do crepe da misanthropia, atravez do qual, no seu retiro d'Asnières, julgava pessimamente seu seculo.

Muito formalista, tinha um respeito profundo pelas hierarchias, e, sentimento em apparencia incompativel com o seu horror ao mundo, gostava de ter boas relações. Assim, sempre que se offerecia a occasião, não deixava de tomar a sobrecasaca para ir apresentar o que elle chamava seus respeitos.

Tinha um verdadeiro culto pelos cartões de visita, e, todos os dias de anno bom, pessoas a quem elle só vira uma vez recebiam pontualmente um cartão, sobre o qual se lia o seguinte, escripto á mão, em um bello cursivo inglez:

Hipp. Bache

Official d'Academia, Calligrapho, Juramentado nos Tribunaes.

Asnières (Seine).

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS ESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 50
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

NINON DE LENGLOS
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobrio o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 51 à PARIS.
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o
DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
L'Eau Capillaire de Ninon
que restitue aos cabellos brancos a côr primitiva;
LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:
LAIT MAMILLA
que avigora e embranquece o collo, dando-lhe os mais graciosos contornos; a
SEVE SOURCILIÈRE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar; as
PÂTE PHILOMANE
que embranquece e amacia as mãos, preserva-as e livra-as das frieiras e asperezas, durante a estação fria, e substitui o sabão; o **COLO-CREAM DE NINON**, etc.
Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o retulo para evitar as imitações e falsificações

EXPOSITION UNIV^{lle} 1878
Médaille d'Or Croix de Chevalier
MEMBRO do JURY — FORA de CONCURSO
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889
BOUQUET CHOISI
Novo Perfume para o Lenço
DE
E. COUDRAY
Artigos Recommendados:
PERFUMARIA de LACTEINA
Recommendada pelas Celebridades Medicas.
PÓS de ARROZ varios.
AGUA DIVINA, dita Agua de Saude
ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA
PARIS - 13, Rue d'Enghien, 13 - PARIS
Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleretros da America.

Em Casa de todos
OS
Perfumistas
e
Cabelleireiros
de
França
e do
extrangeiro
PÓ
DE
FLOR
DE
ARROZ
especial
PREPARADO
COM BISMUTHO
por
CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

VELOUTINE

MEDALHA DE OURO
VINHO DO DR VIVIEN
COM EXTRACTO DE
FIGADO de BACALHAO
Mais efficaz ainda de que o óleo escuro de figado de bacalhao
E' soberano para combater:
A ANEMIA, A FRAQUEZA, O RHEUMATISMO, AS MOLESTIAS DO PEITO, A TISICA, ETC.
De gosto exquisito, facil digestão e completa assimilação, esta preparação é
PRECIOSA PARA AS CRIANÇAS
Em todas as Pharmacias
PARIS, Boulevard de Strasbourg, 50.

**TONICO * FEBRIFUGO
REGENERADOR**
QUINA-COCA
Extracto de Carne
Hypophosphitos.
Energico Reconstituinte recommendado nos casos da Pobreza de Sangue, Chlorosis, Lymphatismo, Febres Perniciosas e principalmente as Senhoras nos casos de Fluxo Branco, etc.
EM TODAS AS PHARMACIAS
PARIS, Boulevard de Strasbourg, 50.

VINHO DO DOUTOR JOHANNO

LICOR
E
Pilulas
do Dr
LAVILLE
Remedios
INFAILLIVEIS
e INOFFENSIVOS
para a suppressão rapida dos accessos de
e **Gotta**
e **RHEUMATISMOS**
APPROVAÇÃO
da Academia de Medicina de Paris.
**XAROPE
e Pasta**
AUBERCIER
com Lactucarium (succo de alfaca)
Defluxos,
Bronchite,
Coqueluche,
Tosse das Crianças.
AGUA MINERAL
FERRUGINOSA
Gazosa
a mais rica em ferro e acido carbonico.
OREZZA
Sem Rival para curar
**FEBRES,
CHLOROSIS, ANEMIA**
e todas as doenças provenientes do
EMPOBRECIMENTO DO SANGUE.

F. COMAR E FILHO, PARIS. — EM TODAS AS PHARMACIAS

Muitas vezes retribuíam-lhe a delicadeza; seu espelho estava cheio de cartões que elle costumava reler, de vez em quando, e, apesar de não conhecer muitos dos nomes, sentia-se orgulhoso em afirmar que entretinha assíduas relações com o elegante conde de V... com o bravo general X... com a bella Mme. Z... Era além disso muito assíduo aos enterros e casamentos.

No seu fôro intimo lisonjeava-se de possuir o segredo de um aperto de mão especial para as familias, depois das missas de setimo dia, na sachristia.

Limitava assim as suas relações, não ia adiante.

II

Uma manhã de Abril, depois de uma ligeira refeição, tomou o trem de onze horas e meia e veio a Paris para assistir ao casamento de Mlle. Honoré Léchaudey com M. Julio Le Paton-Durivau, doutor em direito, advogado na côrte de appellação; a benção nupcial devia ter lugar ao meio-dia em ponto, na igreja da Magdalena, e M. Bache apertou o passo, ao sahir da estação, porque não lhe parecia decente chegar tarde. Além disso, razões de conveniencias muito particulares tornavam para elle um dever apresentar-se á cerimonia. Era á alta influencia do fallecido M. Léchaudey, antigo presidente de camara, que elle devia a fita violeta que lhe ornava a *boutonnière*.

Tinham-no sempre apreciado muito nesta familia, e muitas vezes fôra obrigado a declinar dos lisonjeiros convites de que que era alvo.

Respeitava muitissimo a viuva do seu antigo protector e receiava um pouco ser mal visto, por nunca lhe haver feito uma visita.

Chegando á Magdalena viu a praça atulhada de carruagens; uma multidão curiosa estacionava nos degrãos da calçada. Elle atravessou com muita difficuldade por meio de toda aquella gente e, entrando no templo, foi occultar-se modestamente por detraz de um pilar.

Emquanto durou a cerimonia permaneceu tranquillo no seu canto, tentando distinguir o que se passava deante do altar, mas disso o impedia sua pequena estatura e só soube que estava tudo terminado pelo movimento que se operou na multidão.

Seguiu então a onda, e, sem sentir, deixou-se arrastar pela corrente humana que se dirigia para a sachristia. Toda sua atenção voltou-se então para o seu chapéo, que fizera passar a ferro e que, por precaução conservara na mão, com o braço estendido acima da cabeça, durante uma meia hora, passando-o de uma mão para outra, quando se sentia fatigado.

Conseguiu por sua vez introduzir-se na sachristia, onde viu, ao fundo, por detraz de uma mesa verde, alinhados os parentes e adherentes, todos officialmente sorridentes, com as mãos estendidas, semelhantes a bonecos de feira.

Empaquetada em seda violeta, a viuva Léchaudey resplandecia, no seu character de mãe feliz. M. Bache, que a admirava de longe, deslisou-se até perto della, curvado em dous, muito obsequioso.

Um quarto de segundo — para elle um seculo — permaneceu plantado deante da senhora, com os olhos em terra, a mão estendida.

Subito ella deu pela presença d'elle, reconheceu-o e disse em um tom de voz muito parecido com o canto do gallo: « Ora viva, M. Bache, bons olhos o vejam! »

E distrahidamente, passando a um outro, impelliu-o para o noivo, com um movimento ligeiro. O recém-casado, M. Le Paton-Durivau, apesar de não o conhecer absolutamente, repetiu, em voz alta: « M. Bache! não imagina que prazer me dá em vel-o! » em seguida passou-o á sua mulher que por sua vez atirou-o a um general gordo e obeso que lhe apertou furiosamente a mão, exclamando em voz de commando: « Ah! M. Bache... como estou encantado por vel-o... não imagina. »

Os outros parentes, vendo tão bem acolhido aquelle pequeno velho condecorado, disputaram-no successivamente.

Durante este tempo, a multidão começava a agitar-se, os cabeças se inclinavam e algumas vezes interrogavam: « Quem é? Sabe quem é? Um sabio...

um grande sabio-mór. M. Bache!... Bache!... Bache!... »

Este nome, voando de bocca em bocca, encheu em pouco tempo a vasta sala de um borborinho confuso. Quando, suffocado, fôra de si, com a cabeça perdida, semelhante a uma lebre perseguida por uma matilha, o velhinho quiz fugir, a multidão, respeitosamente, abriu alas deante d'elle, e com os olhos em fôgo,



AFFONSO DAUDET

zunido nos ouvidos, passou como uma flecha, por entre as filas de curiosos que murmuravam em côro: « E' elle, eil-o... um grande sabio, M. Bache!!! Bache!!! Bache!!! »

Escapou-se da igreja, a correr e desceu quatro a quatro os degrãos, como se o perseguisse toda aquella gente.

A' vista d'aquelle senhor que fugia, fôra de si, alguns transeuntes tomaram-no por um ladrão e puzeram-se a gritar: « Prendam-no! Prendam-no! »

Em pouco tempo tinha elle atraz de sua pessoa um verdadeiro exercito de garotos. Por infelicidade tropeçou nas pernas de um policia que vendo tanta perturbação, deteve-o e pôz-se a interrogal-o.

No fim de alguns segundos era enorme o ajuntamento de pessoas que o rodeavam.

Gente circumspecta affirmava que o vira furtar um *porte-monaie*, na igreja: « Não, respondeu alguém, é um velho que acaba de insultar uma dama. »

A multidão augmentava cada vez mais e já se manifestava hostil contra o prisioneiro; por fim o policia, um tanto inquieto, chamou um fiacre, fez subir sua preza e lá se foram acompanhados por uma chusma de desoccupados.

A vista do commissario acabou de perturbar completamente as idéas de M. Bache; respondeu ao interrogatorio de um modo tão incoherente que este funcionario resolveu abrir um inquerito, e, emquanto esperava, julgou prudente deter provisoriamente o prisioneiro.

Demais a attitude da multidão que continuava a estacionar, inquietava-o, e em seu proprio interesse pensou que seria melhor não pô-lo logo em liberdade.

Mandou-o encerrar immediatamente com to-la a consideração devida a um official d'Academia.

Quando M. Bache ouviu e viu fechar-se sobre elle a porta do xadrez, pareceu-lhe que fôra segregado para sempre da sociedade; o facto realisado impunha-se com uma brutalidade que o tornava estupefacto. Murmurou: — « Sou um homem liquidado; tenho agora uma nota e o meu nome na policia »; foi depois sentar-se em um banco e passou machinalmente a mão por sobre seu chapéo de seda, um tanto arrepiado. Em seguida perguntou a si mesmo que opinião formariam d'elle as notabilidades cujos cartões possuia. Pensou mesmo em todos os erros judicarios de que ouvira fallar e esta idéa causou-lhe calafrios.

Passou-se o tempo e pouco a pouco sentiu desenvolver-se nelle uma exasperação surda, uma revolta de homem de bem e, pallido, com os dentes cerrados, a bocca espumante, bateu com os pés e com os

punhos contra a porta de carvalho, com uma obstinação de desesperado.

Ouviu-se um ruído de chaves, a fechadura rangiu, e uma voz avinhada gritou: « Se não ficas socegado, pomos-te uma camisa de força, meu velho ».

Voltou logo depois o silencio cortado, de vez em quando, pelo surdo rodar das carruagens.

Até á noite M. Bache permaneceu prostrado, com a perspectiva da camisa de força. Abriu-se finalmente a porta, mais uma vez e entrou um guarda que lhe entregou um vaso de folha de flandres, sem proferir uma palavra.

III

Quando M. Bache se viu condemnado a passar uma noite inteira naquelle buraco tão negro, naquelle silencio terrivel que lhe pezava sobre os hombros, sentiu-se tomado de um verdadeiro accesso de desespero e começou a arrancar os cabellos inundou-lhe o rosto uma onda de lagrimas que não tinham corrido desde a morte de sua mulher, e, em vão, quebrou as unhas contra a porta massiça que se erguia, na sombra, deante d'elle.

Depois, pouco a pouco, seus soluços foram se acalmando, e a fadiga fel-o cahir pesadamente, a um canto, com o peito arfando por uma respiração ruidosa, semelhante á uma bomba arreventada...

Quando, de subito, despertou do estado em que se achava e que applicou anciosamente o ouvido, notou que pronunciavam seu nome.

Já não podia mais de angustia.

Julgou haver-se enganado e procurava dormir de novo, quando ouviu muito claramente:

— M. Bache!

— Quem é? perguntou elle com a voz estrangulada.

— Ah! M. Bache, que prazer que eu tenho em vel-o; que prazer! que prazer!

Não havia duvida alguma: era a voz do general que quasi lhe quebrou os ossos da mão na sachristia. Quiz fugir, gritar por soccorro, mas suas pernas tremulas recusavam-se a auxiliá-lo, os gritos morriam abafados na garganta e de todos os lados, na sombra, pareciam-lhe ouvir vozes que o chamavam, berravam zombavam, modulavam seu nome em todos os tons.

Em torno d'elle bailava uma multidão informe; era a gente do noivado, do horrivel noivado, multidão infernal que passava e repassava; ironica, impiedosa deante d'elle.

IV

No dia seguinte pela manhã, quando o guarda entrou para pôr o preso em liberdade, encontrou-o enforcado, com a propria gravata, nas grades da janella entre-aberta, sendo o cadaver brandamente balouçado por um ventinho fresco.

E assim acabou esta victima do « Mundo ».

JACQUES I.A. BRUCE.

ECONOMIA DOMESTICA

Pomadas e oleos para os cabelos

Ha cabellos muito seccos que não podem absolutamente dispensar a pomada, sem correr risco de se partirem.

Ha medicos que aconselham o oleo de vaselina muito rectificado (vaselina liquida) perfumada á vontade.

Se se preferir outros oleos ou pomadas, será preciso que sejam preparados pela propria pessoa, porque as más pomadas causam ou apressam muitas vezes a perda dos cabellos.

E' necessario sempre prevenir o ranço das graxas ou oleos de que se queira servir, e, para isto, convém um preparo antecipado.

Deita-se em um banho-maria os oleos, envundias ou tutanos com seis grammas de benjoim em pó e seis grammas de ballamo de tolu pulverisado—por duzentas grammas de graxa.

Mexe-se tudo, com uma expatula de madeira.

Depois de duas horas de ebulição, filtra-se as graxas e os oleos em um panno apropriado.



MAR CHAO

O acido benjoico possui, a propriedade de impedir o ranço nos corpos gordurosos a que se junta. A vaselina pura tem ranço.

Para compor a pomada, toma-se 90 grammas da graxa preparada, conforme explicamos, e se decompõe assim, do melhor modo: 60 grammas de tutano de boi e 30 grammas de oleo de amendoas doces.

Estas substancias ainda um pouco lequifeitas (não resfriadas inteiramente) perfumam-se com 2 grammas de essencia de bergamota e 4 grammas de essencia de violeta.

Algumas pessoas têm o mau costume de empregar a agua, em vez de pomada; nada é mais prejudicial ao cabello.

A saliva é de um uso repugnante e por vezes perigoso, porque ha salivas acidas, cujo effeito pôde-se traduzir por toda a especie de inconvenientes.

Chicoria no café

Para saber se o café contem chicoria, basta encher-se um côpo de agua fresca.

Derrame-se na superficie do liquido uma pitada de café em pó.

O café puro sobrenada, sem alterar a pureza d'agua — se entretanto soffrer mistura de pó de chicoria, esta immediatamente absorverá a agua e cahirá no fundo do côpo onde tomará uma côr amarellada.

AS NOSSAS GRAVURAS

Mar ebão

Quietação completa no céu e na terra.

E' á tardinha; o mar de uma mansidão invejavel reflecte tranquillamente os ultimos raios do sol que enpallidece, pouco a pouco, no horizonte.

Nem uma ligeira brisa encrespa a face lisa do mar, por onde passam quasi sem deixar sulco, as veleiras embarcações dos rudes pescadores e o vulto colossal de um navio a vapor que não tarda a lançar ancora.

No primeiro plano, um grupo, composto de mãe e filho, deixa-se possuir indolentemente pelo encanto da hora e distraídos ambos fitam o espaço, cheio todo d'esta mystica poesia que nos faz sonhar com os olhos abertos.

O assumpto é velho, mas presta-se sempre a trabalhos delicados, como este que offerecemos aos nossos leitores.

CORRESPONDENCIA

As reclamações relativas á folha devem ser feitas sem demora, declarando-se sempre o numero do talão, alias facillimo de saber-se, por isso que sempre vai mencionado nos rotulos que cobrem as remessas.

56323. — S. José — O augmento de preço da nossa folha não está em relação com a differença de custo da publicação de 1889 para hoje. Só devido ao favor publico diariamente crescente é que podemos manter a Estação augmentando seu preço em tão diminuta proporção.

Carmen T. — Não pôde correr por um anno a assignatura que começa neste mez, pois findaria em Fevereiro que não é fim do trimestre. Poderia fazer por 10 ou 13 mezes, e findar em Dezembro ou Março futuro.


64017. — Rio Novo — Foi feita a assignatura por 9 mezes apenas por não chegar a quantia recebida para um anno.

51112. — Friburgo — Cumpra ao avisar-nos a mudança de residencia declarar de onde e para onde e juntar ao aviso 200 rs. para a reimpressão de rotulos. Na indicação do lugar de residencia convém haver toda a clareza e miuciosidade.

61312. — Coxim — La Saison e a Estação são duas publicações distintas. Somos apenas proprietarios da segunda e não da primeira. E' conveniente que ao pedir assignatura de qualquer del as haja o maior cuidado em indicá-las pelo proprio nome pois não podemos desfazer as assignaturas feitas.

M^{mes} DE VERTUS S^{œurs}
de **PARIS**
12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "Verdadeiros espartilhos" sahindo realmente da Casa de **VERTUS S^{œurs}**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.



Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme á lei.

Muitas coisas me faltam, diga V. Ex. para tornar-me **JOVEN E BELLA**

Porque não as pede a **PERFUMERIE EXOTIQUE**, rue du Quatre Septembre, 55, em PARIS?

Si o fizer, hade ficar necessariamente encantada, maravilhada com os resultados.

A Brise Exotique (em agua ou em crème) restituirá a V. Ex. a sua decima sexta primavera, defendendo-a, ao mesmo tempo, contra as rugas; seu pó de arroz

Fleur de Pêche dará á epiderme uma alvura transparente, fazendo voltar o roseo colorido de outros tempos; seu

Anti-Bolbos extirpará sem deixar traços, os cravos ou pontos negros que formigam no nariz; seu

Sourcilium engrossará, alongará e tornará a colorir as pestanas e os supercilios;

A pate des Prélats destruirá durante o inverno as frieiras e asperezas, e em qualquer estação tornam a mão macia e bem contornada, com as veias levemente azuladas como outr'ora. Esta transformação effectuar-se-ha, muito naturalmente, sem o minimo artificial. O catalogo da **PARFUMERIE EXOTIQUE** será enviado com a brochura *Uma origem desvendada* a todos quantos o pedirem.

Faire pousser ou repousser **LES CHEVEUX**

é o estudo aturado e continuo de muitos chimicos. Ha entretanto, remedio contra a calvice. Não convém pedil-o á perfumaria mundana; é necessario procural-o em casa dos **RR. PP. Benedictinos do Monte Majella**, que andam sempre em busca das plantas salutaes que podem ser uteis á humanidade.

O **EXTRAIT CAPILLAIRE DES RR. PP. BENEDICTINS DU MONT-MAJELLA** fortifica a cabeleira, faz o cabelo nascer com todo o vigor, detem-lhe a queda e retarda o embranquecimento.

A tratar com o administrador **E. SENET, 35, RUE DU 4 SEPTEMBRE, EM PARIS.**

L. T. PIVER em PARIS
NOVA **PERFUMARIA** Extra-fina

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
AGUA TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO

POÁ DE ARROZ ao CORYLOPSIS do JAPÃO
BRILHANTINA ao CORYLOPSIS do JAPÃO
OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
POMADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本茶油

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
— PARIS —

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violette russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

PÓS OPHELIA, Talismão de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

DELETTREZ
EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas *Celebridades Medicas*

Sabonete. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Pó de Arroz. . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**
Essencia. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**
Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**
Brilhantina. de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES
Fabricante
de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA
O mais delicioso perfume do Mundo.
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel. Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Basta empregar-o uma só vez para curar as rachas das mãos e dos beiços.

LA JUVENILE
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH
para embellezar a tez.
Este leite de côr branca, côr de rosa ou côr Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.
23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
Depositos em todas as principaes Perfumarias.